

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES HÍBRIDAS**

NIKOLAUS ANDREAS NOGUEIRA DE OLIVEIRA

**LIVRO DE ARTISTA: ASPECTOS DA PRODUÇÃO COMO
CATEGORIA ARTÍSTICA**

CURITIBA

2017

NIKOLAUS ANDREAS NOGUEIRA DE OLIVEIRA

**LIVRO DE ARTISTA: ASPECTOS DA PRODUÇÃO COMO
CATEGORIA ARTÍSTICA**

Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado como requisito parcial à obtenção do título Especialista em Artes Híbridas, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Orientadora: Profa. Ma. Simone Landal

**CURITIBA
2017**

TERMO DE APROVAÇÃO

LIVRO DE ARTISTA: ASPECTOS DA PRODUÇÃO COMO CATEGORIA ARTÍSTICA

por

NIKOLAUS ANDREAS NOGUEIRA DE OLIVEIRA

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes Híbridas pelo Curso de Especialização em Artes Híbridas do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A banca examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof(a). MSc. Simone Landal (UTFPR)

Prof(a). Dra. Laíze Márcia Porto Alegre (UTFPR)

Prof. MSc. Lydio Roberto da Silva (UNESPAR/ UNIBRASIL)

Curitiba, dezembro de 2017.

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

RESUMO

OLIVEIRA, Nikolaus Andreas Nogueira de. **Livro de Artista:** Aspectos da produção como categoria artística. 2107. 23 folhas. Monografia (Especialização em Artes Híbridas) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

O objetivo deste artigo é apresentar o conceito de Livro de Artista, como o mesmo é definido a partir dos anos 60, e discutir as problemáticas que surgem devido à tradução de termos de arte entre as línguas nas quais a categoria foi estudada. Por fim, utilizando as definições dadas por autores de referência, propõe-se um esclarecimento dos termos que subdividem a categoria na língua portuguesa.

Palavras-chave: Livro. Livros de artista. Livro-obra. Livro de arte. Livro-objeto.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Nikolaus Andreas Nogueira de. **Artist's Book**: Aspects of the production as na art category. 2017. 23 folhas. Monografia (Especialização em Artes Híbridas) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

The main goal of this article is to present the artist's book's concept as it is conceived in the 60's and to discuss the problems that rise due to the translation of art terms between languages in wich the category was studied. At last, utilizing the definitions given by the reference autors, an enlightenment of the terms, in wich the category is divided, is proposed in Portuguese.

Keywords: Book. Artists' Books. Bookworks. Art Books. Book Objects.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O LIVRO ONTEM E HOJE.....	8
3 O LIVRO E O NÃO-LIVRO	15
4 CATEGORIZAÇÃO	18
4.1 LIVRO DE ARTE	18
4.2 LIVRO-OBRA	19
4.3 LIVRO-OBJETO	20
5 CONSIDERAÇÕES.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

Os anos 60 e 70 marcam uma forte mudança no posicionamento e na produção dos artistas. O fim do modernismo, impulsionado por movimentos com visões progressistas, como a Pop Art, o Novo Realismo e o Neodadaísmo, e o surgimento de novas categorias relacionadas à atividade de produzir arte, impulsionou os artistas contemporâneos daquele momento a procurar novas formas de expressão.

Nesse momento, os museus e as galerias, como instituições, se encontram no meio de uma discussão moral sobre o acesso à arte pela população e seus meios de difusão. Artistas ligados às modalidades até, então, novas e controversas, como a instalação, a vídeo-arte, a performance, a body art e as novas tecnologias, buscam outros espaços e formas alternativas para apresentar seu trabalho.

Fugindo desse ambiente institucionalizado, a tentativa de promoção, divulgação e distribuição destes trabalhos se desenrola sobre suporte alternativos, incluindo revistas, periódicos, múltiplos e livros. Tais artistas, de forma individual ou coletiva, se apoiam em suportes até então pouco explorados para a produção e para a propagação de suas obras. As obras deixam de ser o que são e passam a ser o que elas representam, por meio da fácil reprodutibilidade e custos mínimos.

Ainda que grandes artistas, como Picasso e Duchamp, tenham explorado o objeto livro em seus trabalhos antes da metade do século XX, o livro de artista, como categoria, surge desse distanciamento do cubo branco e da aura elitista da arte.

Mesmo após sua consolidação como categoria, o livro de artista ainda desperta certa confusão quando se busca sua definição. Este trabalho tem como primeiro objetivo observar essas divergências conceituais e plásticas, incluindo um histórico da produção de artistas.

A fim de facilitar referências e identificações futuras, o estudo propõe-se a categorizar, de forma paralela, alinhando-se às terminologias disponíveis na língua portuguesa, dos diversos elementos da produção artística relacionada às publicações.

O primeiro capítulo apresenta o cenário de produção de livros de artista, a partir das experimentações de artistas, na primeira metade do século XX. Parte da obra de Duchamp é apresentada como antecessora dos livros de artista contemporâneos. Ve-se também um breve panorama do que foi produzido no Brasil entre os anos 60 e 90.

No capítulo seguinte, discute-se a materialidade e as convenções sobre o objeto livro, além das problemáticas que os termos classificatórios possuem. Autores diferentes, de nacionalidades e, conseqüentemente, línguas diferentes, acabam por definir e separar a categoria com termos que se confundem. Tanto os diferentes nomes, quanto as traduções, interferem no entendimento claro do objeto de estudo em português.

Por último, propõe-se um clareamento das terminações e traduções que definem a categoria dos livros de artista, ao comparar e alinhar os termos utilizados pelos autores das obras em que esse trabalho se baseia.

2 O LIVRO ONTEM E HOJE

Alguns artistas experimentaram previamente o formato que seria definido como livro de artista nos anos 60. Em 1920, Kasimir Malevich mescla texto e litografias no livro *Suprematismo*. Henri Matisse trabalha com colagens em *Jazz* (1941) e Picasso, dentre outros trabalhos com livros, ilustra *La Tauromaquia*, publicado em 1959.

Essas, entre outras obras, são exemplos da pluralidade de técnicas e abordagens utilizadas na produção de livros ilustrados e múltiplos, além de tratar o papel do artista como autor e curador do seu próprio trabalho.

Marcel Duchamp produziu três trabalhos importantes que serviram como base para os conceitos de livro-objeto e exposição portátil. O primeiro, *La Boîte* (1914) reunia, em uma caixa usada de filmes Kodak, uma série de dezesseis fotografias de notas e escritos do artista, junto com um desenho.



Figura 1: La Boîte-en-valise. Marcel Duchamp (1936-1941).

Fonte: artbook.com

Em *La mariée mise à nu par célibataires, même* (1934), Duchamp reúne notas, *sketches* e informações utilizadas na elaboração de uma obra homônima, também conhecida como *O Grande Vidro*. A caixa ficou conhecida como *Caixa Verde* ou *La Boîte Verte*, devido ao seu revestimento em veludo.

Por último, entre 1936 e 1941, o artista produz 300 edições de *La Boîte-en-valise*, onde faz uma documentação de sua própria obra completa. Duchamp trabalha

um conceito interessante ao reproduzir, em miniatura, suas obras anteriores, incluindo pinturas, ready-mades e instalações. O próprio Marcel recriou suas obras em tamanho reduzido de forma artesanal e repetido, abrindo questões importantes sobre reprodutibilidade. *La boîte-en-valise* serve de referência para obras categorizadas como exposições portáteis.

A definição dos livros de artista como categoria artística se dá na metade dos anos 60, devido à concentração da produção, especialmente nos Estados Unidos e na Europa, de meios e formatos artísticos alternativos aos tradicionais. A desterritorialização da arte aponta para expressões até então inéditas.

Em *Esthétique du livre d'artiste* (1997), Anne Moeglin-Delcroix aponta dois artistas como impulsionadores deste movimento. Na Europa, envolvido com o neodadaísmo, Dieter Roth, artista alemão, se dedica à produção de livros como obras de arte.

Roth produziu artesanalmente uma série de livros onde formas geométricas foram cortadas manualmente nas páginas, expondo o conteúdo das páginas seguintes. Alguns livros eram feitos pela junção de folhas de revistas e quadrinhos.



Figura 2: Daily Mirror Book. Dieter Roth (1961).

Fonte: MoMa

Fez também uma série de livros em miniatura, incluindo *Daily Mirror Book* (1961), onde recorta páginas de jornais diversos e as organiza de forma aleatória e ineligível.

O artista também trabalhou com intervenção em livros já existentes. Utilizando recortes e pintura, Roth descaracterizou a função livro ao esconder o conteúdo de diários com tinta e ao quebrar a linearidade do mesmo.

Nos Estados Unidos, Moeglin-Delacroix aponta Edward Ruscha como primeiro artista a trabalhar com publicações. Ruscha, baseado em Los Angeles, produziu uma série de *photobooks* com imagens repetidas do cotidiano americano. Seu trabalho mais icônico, *Twentysix Gasoline Stations* (1963), é considerado por alguns autores como o primeiro livro de artista, considerando as intenções e o trabalho conceitual do artista.

O livro é uma coleção de 26 fotografias de postos de gasolina capturadas pelo artista no caminho entre Los Angeles e sua cidade natal, em Oklahoma. As páginas do livro incluem apenas uma legenda para cada foto, com sua localização, e grandes espaços vazios em branco. Ruscha afirma que seus *bookworks* apresentavam conceitos mais complexos do que suas pinturas individuais da época.

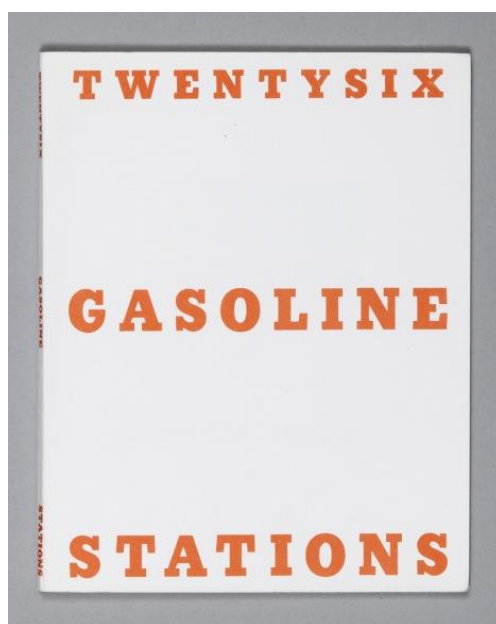


Figura 3: Twentysix Gasoline Stations (1961-1969). Edward Ruscha.

Fonte: Tate Modern

Ruscha não desejava que *Twentysix Gasoline Stations* fosse uma edição limitada e tratado como algo especial. Por isso, o livro teve edições entre 1961 e 1969, era vendido por 3 dólares e produzido em massa. O trabalho do artista inclui outros

photobooks como *Nine Swimming Pools* (1968) e *Some Los Angeles Apartments* (1965).

Entre 1964 e 1970 o Fluxus, um coletivo internacional de artistas, desenvolveu uma série de obras, publicações e múltiplos independentes. O grupo, determinado a evitar ao máximo os espaços convencionais de consumo e de exposição de arte, foi notório por conseguir criar, expor, performar e vender suas obras em espaços alternativos a museus e galerias.

George Maciunas, artista lituano, foi um dos fundadores do Fluxus e dedicou grande parte da sua carreira à promoção e divulgação das ideias do coletivo, tendo escrito também seu manifesto. Maciunas, junto com outros artistas, editou, confeccionou, publicou e vendeu um grande número de múltiplos, jornais, revistas, manifestos e livros-objeto sob o nome do grupo.

Formado em Design Gráfico, o artista criou uma série de publicações, com intuito de distribuí-las internacionalmente, e as vendeu em uma loja montada dentro do próprio apartamento, a qual batizou de *Fluxshop*. Entre os produtos estavam os jornais.



Figura 4: Fluxus I (1964). Organizado por George Maciunas.

Fonte: MoMa

Fluxus 1 ou *Flux Year Box 1* (1964) foi a primeira de 7 caixas anuais idealizadas por Maciunas, das quais apenas duas chegaram a existir. A obra é formada por um grupo de envelopes que serviam como páginas contendo obras individuais de diversos

artistas, incluindo fotografias, partituras, escritos, peças gráficas e registros de performances.

Fluxkit e *Flux Year Box 2* (1965) foram além e, assim como *La Boîte-en-valise*, vieram no formato de uma maleta e uma caixa, respectivamente. As duas obras continham uma diversidade de impressos e objetos obra de artistas diferentes, funcionando, simultaneamente como obra e espaço expositivo.

Aqui, a experimentação com livros surge do encontro entre artistas visuais e poetas. Nos movimentos Concreto e Neoconcreto, artistas e autores encontraram formas de repensar o objeto livro. Julio Plaza, espanhol radicado no Brasil, teve grande importância no processo de misturar arte e poesia.

Em suas primeiras experimentações, o artista propôs livros-objeto impressos em serigrafias utilizando as cores primárias. As páginas são compostas por formas geométricas com recortes especiais que se projetam para fora do papel, seguindo o formato *pop-up*.

Em *Poemóbiles* (1974), Júlio Plaza, juntamente com o poeta Augusto de Campos, unem a estética que vinham explorando com a poesia. Dessa vez, os pop-ups traziam e revelavam jogos com as palavras de Campos. As obras passam a empregar um caráter escultórico ao texto, tornando o livro um lugar.

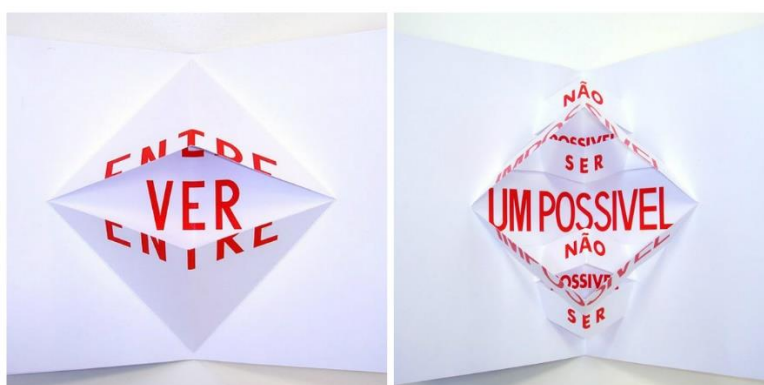


Figura 5: Poemóbiles (1974). Julio Plaza e Augusto de Campos.

Fonte: AAMAC

Em *Livro da Criação* (1959), Lygia Pape, explora, junto com a origem do mundo, seu próprio processo criativo como artista. A obra é composta por um conjunto de páginas e esculturas de papel soltas e pintadas com guache. O conjunto é interativo e explora a corporalidade do leitor/espectador.



Figura 6: O Livro da Criação (1959). Lygia Pape.

Fonte: Museo Reina Sofia

A *arte postal*, ou *mail art*, teve uma produção considerável e importante no Brasil, apesar de acabar polarizada em certas cidades, como Recife e Porto Alegre. Os livros de artista brasileiros devem muito à arte postal, que, pela sua forma limitada de difusão, permitiu que os artistas explorassem ao máximo o formato portátil de criação.

Ligada com a Arte Conceitual, a arte postal ganhou força em um momento de censura. Os artistas, estando impedidos de se expressar abertamente, tomaram as cartas e as encomendas como suporte para difusão de material artístico.

Paulo Bruscky, pernambucano, foi o maior nome da modalidade, sendo responsável pela organização da 1ª Exposição de Arte Postal, em 1975, fechada pela censura do regime militar. O artista também se aventura com livros-objeto e publicações de artista, tendo uma produção extensa e variada.



Figura 7: Palarva (1992). Paulo Bruscky.

Fonte: Carbono Galeria

A produção atual, tanto no Brasil quando no exterior, revolve sobre feiras e exposições colaborativas que possuem o livro como foco. Esses espaços vêm retomando sua força e o interesse pelas publicações volta a crescer, devido ao maior acesso e à possibilidade de distribuição relativamente em conta.

3 O LIVRO E O NÃO-LIVRO

Desde o códex até o formato a qual estamos habituados, o livro, como objeto, não sofreu grandes mudanças. Folhas de papel seccionadas em grupos, costuradas entre si, tinta e uma capa firme ou flexível. Diferentemente do seu conteúdo, o formato do livro tem sido fixo e praticamente imutável.

Ao tratar com essa materialidade tão sólida, os artistas que optam por usar o livro como suporte, pendem para abordagens diferentes. Existem trabalhos que desafiam a ideia e a forma do livro, utilizando materiais e escalas não convencionais, como Roth faz em *Daily Mirror*. Outros tentam ao máximo manter essa característica imponente que o objeto já carrega, ampliando-a.

O livro é um objeto com apelo afetivo. Para qualquer um, subvertê-lo ou glorificá-lo são abordagens típicas na produção de obras de arte seguindo esse tema. Paulo Silveira (2001) as define como *ternura e injúria*.

O conceito de livro de artista é ambíguo e aberto a interpretações, assim como a prática de produzi-los. Ao mesmo tempo que funcionam como definição de uma categoria, as publicações de artista são o resultado dessa produção. A princípio, é mais simples definir o que não é um livro de artista do que fazer o oposto.

Pelos seus insumos materiais e pela sua variedade temática, ela é uma categoria mestiça, instaurada a posteriori a partir da apropriação de objetos gráficos da leitura. É uma categoria definida por sua mídia e não por sua técnica. Ela abarca desde o livro até o não-livro. Uma cadeira não é um não-livro, porque ela é uma cadeira. Um não-livro é um Nosferatu, um não-morto, uma proposição que assombra pela negação que confirma a sua existência. É o contra-senso semantizado. É ansiedade e surpresa. (SILVEIRA, 2001, p. 16)

Diferente da pintura, uma técnica que caracteriza toda a produção, os livros de artista aglomeram técnicas, suportes e estéticas variadas. Além disso, existe a possibilidade de se trabalhar em cima de um suporte múltiplo e de fácil reprodução, que auxilia na difusão de material, seja por meio de distribuição ou de venda.

Além de livros e publicações, certos objetos são relacionados aos livros de artista. Isso se deve por aproximações conceituais e plásticas que justificam a colocação destes trabalhos na mesma categoria.

Diante dessa variedade de classificações, é compreensível que as definições sejam variadas e algumas vezes conflitivas.

Riva Castleman, em *A Century of Artists Books* (1994), divide a produção de maneira ortodoxa, ao mantê-la presa aos papéis de artista e autor. Em sua obra, divide os livros de artista em quatro categorias.

Para Castleman, a produção se divide em *artista para autores*, *artistas com autores*, *artistas como autores* e *artistas sem autores*. A grande problemática em sua divisão é a interdependência da obra de arte, limitada quase que somente à ilustração, e do que ela acompanha.

Isso cria um nicho muito específico e limitado para as publicações, sendo apenas aplicável à livros ilustrados, quadrinhos, coleções de obras e edições de luxo. Além de que essa definição levaria a origem dos livros de artista ao passado.

Em 1995, Johana Drucker publica *The Century Of Artists' Books*, livro que é uma resposta direta à obra de Castleman (1994), afirmando que a autora limita a produção e falha ao não reconhecer o surgimento dos livros de artista no século XX.

Para Drucker, o livro de artista é fruto desse momento e que seria difícil encontrar um movimento contemporâneo que não tenha envolvimento com as publicações

Clive Phillpot, crítico de arte e antigo diretor da biblioteca do Museu de Arte Modern de Nova York, ajudou a constuir a maior coleção de livros de artista do mundo. Phillpot, conhecedor do tema, desenvolveu um diagrama para a revista *Artforum* em 1982. Tal diagrama é uma referência importante para uma categorização abrangente de uma obra como livro de artista.

O diagrama ilustra um encontro da arte e dos livros como representação de uma produção editorial, além de dividir a produção entre múltipla e única, paralelamente. Posteriormente, Phillpot atualiza seu diagrama para o livro *Booktrek: Selected Essays on Artists' Books Since 1972* (2013).

O termo *bookwork* se confunde, em português, com a própria definição de livro de artista. Para Phillpot, *bookwork*, ou *livro-obra*, seria uma subdivisão do conceito principal, a intersecção exata em que o papel e a arte se encontram. As outras subdivisões são os livros, no sentido editorial, e os livros-objeto.

Já o conceito de livros de artista é mais abrangente, pois o mesmo engloba, além dos livros-obra, as publicações que tratam de arte e os livros-objeto, que exploram o conceito de livro fora das amarras do papel.

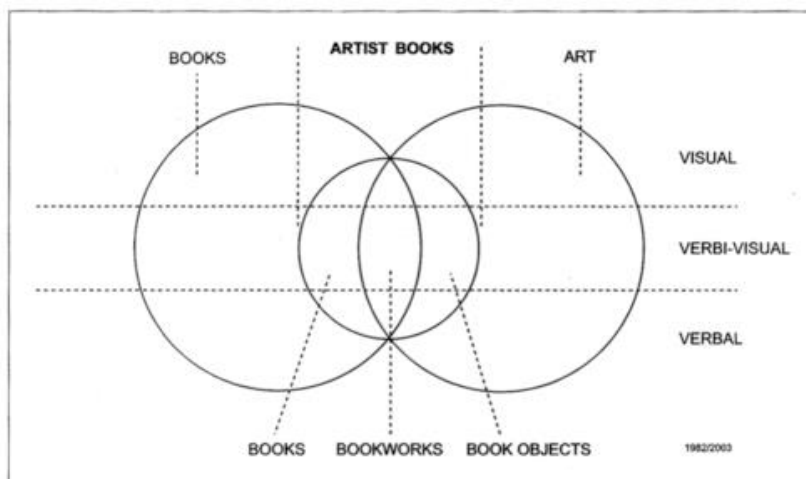


Diagrama (1982). Clives Phillpot. Fonte: Revista Artforum n.9

Em francês o termo *livres d'artiste* acaba sendo atrelado à produção de livros ilustrados e edições de luxo de obras literárias. Somente em 1995 Moeglin-Delcroix rompe com o termo e separa os *livres d'artiste* dos *livre illustre*, sendo o primeiro focado na produção de artistas contemporâneos.

Isso tende a dificultar o entendimento e a concordância de termos na escassa bibliografia nacional sobre o tema.

4 CATEGORIZAÇÃO

A partir dos limites apresentados pelos autores citados, no que se refere a divisão e inclusão de obras como livros de artista, e no material disponível na língua portuguesa, sugere-se um entendimento e uma categorização alinhada com os conceitos apresentados por Clives Phillpot (1982/2013).

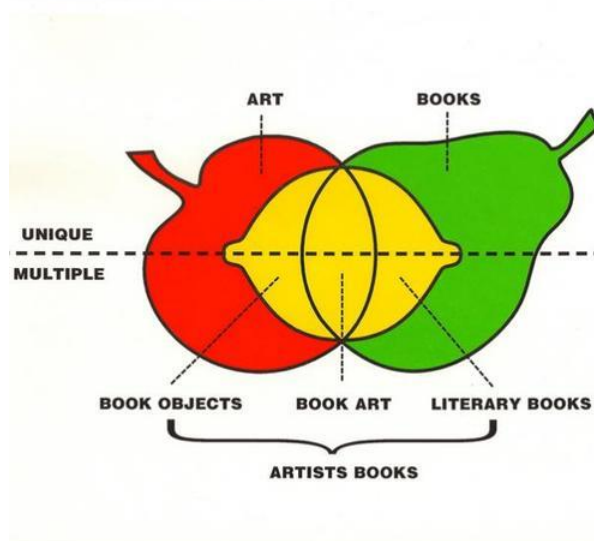


Diagrama (2013). Clives Phillpot.

Fonte: artmetropole.com

Utilizando a intersecção entre a arte e a literatura e o projeto editorial apresentadas por Phillpot, como base, a produção de livros de artista, como categoria abrangente pode ser subdividida em três partes: Livro de Arte, Livro-Obra e Livro-Objeto.

4.1 LIVRO DE ARTE

A primeira forma de contato entre livros e arte surgiu com a ilustração. Artistas trabalhavam junto com autores para adornar ou criar representações das histórias impressas nos livros. Essa relação se desenvolve e os artistas passam também a assumir o papel de autores.

Os *livros de arte* incluem as relações descritas por Castleman (1994) como *artistas para autores* e *artistas com autores* e outras que envolvem editoras e grandes tiragens.

É importante apontar que, enquanto publicações, os *livros de arte* possuem uma intenção além de ser uma obra. Eles informam e ensinam, expõem fotografias e ilustrações relacionadas ou não à arte e o formato pode ou não estar fora dos convencionais.

Nessa categoria, incluímos os livros sobre arte. Estas publicações são bem amplas e o termo serve como guarda-chuva para livros escolares, didáticos, biografias de artistas, coleções de obras ou movimentos específicos, livros ilustrados e edições de luxo. Catálogos, informativos e programas de exposição também entram na categoria.

É importante notar a relação entre os *livros de arte* e suas tiragens. Esse nicho dos Livros de Artista tende a existir com objetivos específicos, como sua venda e distribuição, o ensino e a informação. Tais características mercadológicas acabam por impor grandes tiragens, não numeradas, de tais obras.

Vale lembrar que as edições de luxo não se encaixam nesse padrão, visto que sua exclusividade é uma de suas qualidades.

4.2 LIVRO-OBRA

Por livro-obra, define-se qualquer trabalho que utiliza o livro como suporte e tem como principal função ser uma obra. Nessa categoria está inclusa grande parte dos trabalhos que foram e estão sendo produzidos na contemporaneidade.

Os livros-obra podem ser únicos ou ter tiragem, quando podem ser numerados ou não. O processo de criação pode ser manual ou industrial, dependendo dos recursos e das intenções conceituais embutidas na obra pelo artista.

O livro e sua variedade de formatos servem como suporte e elemento definidor da obra. Os livros-obra precisam do formato, do papel, da sequencialidade e da narrativa que o objeto livro oferece.

Os livros-obra, diferente dos livros de arte, não trazem reproduções e sim os trabalhos de arte finalizados e originais. Dentre estes incluímos publicações de artista, sendo essas múltiplas ou únicas, de formatos e técnicas variadas.

É comum que a tiragem faça parte do propósito conceitual do artista, devido ao contraste entre a fácil reprodução de publicações independentes e o trabalho dedicado de um livro com encadernação manual.

Esta categoria inclui livros, *zines*, *flipbooks*, *photobooks*, *graphic novels*, múltiplos, cartazes e postais.

Podemos citar ainda as publicações que servem como suporte ou como registro de outras obras, de performances e de processos. Um livro pode servir como vestígio de um processo criativo que não pode ser acessado por outro meio que não a publicação.

Os trabalhos de Julio Plaza, Matisse, Edward Ruscha e Dieter Roth, anteriormente mencionados, se encaixam como livros-obra.

4.3 LIVRO-OBJETO

A categoria dos livros-objeto é extremamente abrangente no que se diz respeito à sua definição. Um livro-objeto é qualquer obra de arte que utiliza o livro ou seu formato, material e conceito. O livro-objeto pode ser uma escultura feita com livros, pode ser um livro que desafia as convenções materiais do objeto ou pode ser algo fisicamente diferente de uma publicação, mas que tem características conceituais do livro na sua construção.



Livro de Carne. Arthur Barrio (1978).

Fonte: Galeria Millan

Em 1978 o brasileiro Artur Barrio apresenta *Livro de Carne* que, como o nome sugere, é um livro em que as páginas são pedaços de carne cortados e encadernados.

A *Boîte-em-valise* e todos as obras posteriormente categorizadas como exposição portátil ou museu portátil são livros-objeto. Pode-se incluir aqui também os conjuntos de trabalhos elaborados por Maciunas para o Fluxus.

Waltércio Caldas, artista carioca que tem uma extensa produção de livros de artistas desde os anos 60, brinca com o conceito e a forma do livro em sua obra *Como imprimir sombras* (2012). O trabalho simula uma capa de livro, produzida em acrílico transparente, que abraça páginas invisíveis. O título da obra está gravado e se projeta como uma sombra no seu interior.



Como Imprimir Sombras (2012). Waltércio Caldas.

Fonte: Carbono Galeria

Os livros-objeto estão em uma linha tênue entre sua definição como livros de artista e outras categorias, como a escultura e as instalações.

Por fim, podemos definir como livros-objeto os trabalhos que se assemelham fisicamente ou conceitualmente com o objeto livro, as obras que utilizam o livro como elemento compositor, os objetos que são subversões do livro tradicional, os conjuntos de obras que apresentam narrativa e sequencialidade e as exposições portáteis.

5 CONSIDERAÇÕES

Após meio século de produção, os Livros de Artista ainda sofrem com certa confusão no que se refere a definir o que são e o que não são. Mesmo com esse obstáculo, a quantidade de artistas que se voltam para as publicações teve um grande aumento nos últimos anos.

Esse interesse repentino pode estar ligado com a dificuldade que os artistas independentes encontram de se introduzir no mercado da arte. E também na certa recusa que esse mercado mostra com alguns tipos de obras.

Talvez por isso, muitos museus e galerias mantêm suas coleções de livros de artista em bibliotecas enquanto eles podiam estar em salas expositivas. Isso confere à publicação de arte um sentimento único. Feiras independentes são cada vez mais frequentes no meio da arte, aumento o acesso de um público diverso.

Devido também à facilidade de produção e distribuição, as publicações e os livros têm sido uma escolha prática e lógica para artistas contemporâneos, mesmo que, ao falar de arte, praticidade não seja uma motivação comum.

Serão necessários uma atualização e um acompanhamento do tema à nível de pesquisa. Estudar as motivações artísticas por trás dessa migração até o Livro de Artista pode revelar o caráter da produção atual.

A partir dos termos utilizados pelos autores citados e da categorização em português sugerida, a intenção deste estudo é gerar uma discussão no entendimento e na navegação do campo que chamamos Livros de Artista.

REFERÊNCIAS

CADÔR, A. B. **O Livro de Artista e a Enciclopédia Visual**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

CASTLEMAN, R. **A Century of Artists Books**. 1. ed. Nova Iorque: The Museum Of Modern Art, 1994.

CATTANI, I. B. **Mestiçagens na Arte Contemporânea**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

DRUCKER, J. **The Century Of Artists' Books**. 2. ed. Nova Iorque: Granary Books, 2004.

MOEGLIN-DELCROIX, A. **Esthétique Du Livre D'Artiste**. 1. ed. Paris: Mote et le reste / Bibliothèque Nationale de France, 2012.

PHILLPOT, C. **Booktrek: Selected Essays on Artists' Books (1972 – 2010)**. 1. Ed. Zurique: JRP-Ringier, 2013.

SILVEIRA, P. **A Página Violada: Da ternura à injúria na construção do livro de artista**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes – Vol. 2, n. 3 (maio de 2012). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2012.